

SIMPÓSIO TEMÁTICO 4 - HISTÓRIA DOS MUSEUS E DA MUSEOLOGIA

DESCOBRINDO TRAJETÓRIAS: O Primeiro Congresso Nacional de Museus e seus desdobramentos no campo museológico brasileiro

Nathália Gianini Reys¹

Resumo

Em resposta às demandas geradas pela Unesco e pelo Conselho Internacional de Museus (Icom), o Brasil sediou o primeiro seminário nacional destinado a discutir temáticas relacionadas a museus e suas problemáticas. Intitulado como o Primeiro Congresso Nacional de Museus, o evento aconteceu em 1956 na cidade de Ouro Preto. A partir da observação da dificuldade em encontrar bibliografia que tratasse do Congresso, verificou-se a necessidade de iniciar a busca em periódicos presentes na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro entre 1954 e 1956. Diante das fontes jornalísticas analisadas, identificou-se um núcleo de pessoas ativas nas decisões culturais dos anos 1950 a que se envolviam os museus, e destacaram-se, principalmente, a atuação de mulheres que foram fundamentais para a trajetória da Museologia enquanto campo científico.

Palavras-chave: Unesco. Icom. Museus brasileiros. Primeiro Congresso Nacional de Museus. Museologia.

1 INTRODUÇÃO

A escolha do objeto e da metodologia de pesquisa resultou da dificuldade em encontrar publicações e estudos referentes ao Primeiro Congresso Nacional de Museus, realizado em Ouro Preto. A partir dessa dificuldade, nasceu a inquietação acerca do referido seminário: por que ele quase não é mencionado em estudos do campo? O que levou a sua realização? Quais eram seus objetivos?

Acredito que este conteúdo deva ser discutido e disseminado na comunidade acadêmica, mas, para tanto, há a necessidade de produção de material especializado. Dessa forma, apontada a falta de acesso a dados sobre o tema, percebo que os alunos do curso acabam por desconhecer uma parte significativa da gênese do campo museológico no Brasil. Apresento, então, a preocupação em discorrer sobre as abordagens políticas e culturais brasileiras dos anos 1950, suprimidas pela falta de reconhecimento e de pesquisa acerca da atuação no campo museológico brasileiro.

O uso da análise documental por meio de periódicos é justificado pela falta de historiografia concisa sobre o evento. Embora mencionado em outros congressos, reuniões de conselhos, guias de museus e até mesmo em teses e dissertações, não foi possível

¹ Universidade de Brasília – UnB.

encontrar maiores estudos sobre a temática em questão, isto é, não foram encontradas produções literárias específicas sobre o Primeiro Congresso de Museus.

A importância da pesquisa documental realizada por meio de jornais impressos é assente nesta pesquisa, uma vez que não foi encontrada uma historiografia sobre o tema em questão. Uma análise documental bem executada pode, dependendo da abordagem, superar dificuldades por vezes impostas pela falta de literatura acessível sobre um determinado objeto ou recorte.

Utilizando do texto de Cellard (2008), vemos que sua metodologia justifica e argumenta que uma boa documentação consiste no conhecimento do contexto sobre as relações que se pode tecer entre documentos, textos e autores. É possível, assim, construir uma abordagem teórica que será capaz de elucidar os questionamentos precedentes à análise dessa fonte. Podemos, dessa forma, entender que a análise documental também produz conhecimento científico.

A riqueza da análise de fontes e suas multifacetadas abordagens promove possibilidades de interação e interlocução entre as áreas do conhecimento, considerado pelo presente trabalho como de maior relevância para o campo museológico brasileiro, o qual apresenta lacunas quanto a sua formação científica.

Este trabalho se configura, então, como pesquisa básica e exploratória. A caracterização do estudo como pesquisa exploratória comumente ocorre quando o conhecimento sobre determinada temática é limitado. Gil (1999) destaca que a pesquisa exploratória é desenvolvida para abarcar uma visão mais ampla, ainda que não completa, do problema. Conseqüentemente, esse tipo de pesquisa é utilizado quando o objeto escolhido é pouco explorado e torna-se difícil formular hipóteses concretas.

A operacionalidade da pesquisa exploratória consiste no aprofundamento do pesquisador sobre a temática ainda pouco investigada. Deliberadamente, suscita que questões mais norteadoras sejam levantadas para maior sistematização da área a ser estudada. À medida em que o estudo se integra a essa finalidade, pode se categorizar enquanto pesquisa exploratória. No tocante aos procedimentos, o estudo contempla uma análise documental proposta por André Cellard (2008)

[...] o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente, ele

permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente (CELLARD, 2008, p. 295)².

O interesse em reconhecer esses dispositivos neste trabalho consiste em aferir o melhor tratamento à fonte escolhida para pesquisar um assunto pouco mencionado pela bibliografia atualizada. Assim, diante das possibilidades de discorrer sobre o Primeiro Congresso Nacional de Museus, foi percebida a partir da consulta aos periódicos³ da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BN) uma quantidade de dados expressiva, não encontrada em outras referências.

Por meio da plataforma digital da Biblioteca Nacional⁴ foi organizado um quadro metodológico com os principais periódicos do Rio de Janeiro que mencionaram "Congresso Nacional de Museus" em suas notícias. O quadro ficou representado da seguinte forma:

Quadro 1. Periódicos cariocas contendo citação ao Congresso Nacional de Museus ao longo da década de 1950.

Periódicos	1954	1955	1956	1957	1958	1959
A Noite		5	7	1		
Correio da Manhã		2	2	1		1
Diário Carioca			5			1
A Manhã						
Diário da Noite			1			1
Diário de Notícias	2	1	45			
Imprensa Popular	1					
Jornal do Brasil	2	3	8			
Jornal do Commercio	1		5	1		
Revista Módulo			3			
O Fluminense			1			
O Jornal			10			
Para Todos			1			
Relatórios do MRE			1			
Revista Brasileira					1	
Revista da Semana			1			
Tribuna da Imprensa			4			
Última Hora	1	1	2			

Fonte: autoria própria.

² Cellard (2008) propõe etapas para reconhecimento do documento a ser estudado, ressaltando a importância de verificar a origem da fonte. Ele classifica o documento em fontes distintas, que operam de maneiras diversas. Por isso, é importante previamente reconhecê-las entre fontes primárias e secundárias.

³ Segundo Cellard (2008) a pesquisa em jornais e periódicos está inscrito na subdivisão de Documentos Públicos não Arquivados.

⁴ Disponível online em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acessado em: 01/05/2018.

A busca do termo “Congresso Nacional de Museus” na plataforma da Hemeroteca Digital da BN mapeou 115 menções referentes ao primeiro congresso. O Diário de Notícias apresentou 48 notícias, seguido do Jornal do Brasil. Contudo, devido a direitos autorais, não foi possível realizar as análises por meio deste periódico.

A análise documental se deu, então, com base nos periódicos Correio da Manhã (RJ) e Diário de Notícias (RJ), uma vez que eles exibiram maior número de matérias acerca do referido Congresso, possibilitado, assim, o cruzamento de informações e uma averiguação mais objetiva com relação ao conteúdo.

Os anos 1950 foram marcados por movimentações do Icom e da Unesco para buscar informações e conhecimento sobre museus, seus espaços, suas atividades e seu corpo técnico. Impulsionados por demandas externas, os profissionais do campo tomaram um conhecimento mais amplo sobre as atividades realizadas nos mais diferentes museus, buscando desenvolver reuniões e encontros que discutissem questões e problemáticas envolvendo museus. O incentivo à cooperação cultural entre os estados sinaliza que as instituições deveriam atender a objetivos de uma política externa. Em resposta às demandas geradas pela Unesco, o Brasil sediou o primeiro seminário nacional destinado a discutir temáticas relacionadas a museus. O trabalho contínuo entre essas agências, em conhecer, preservar e difundir o patrimônio cultural, agregando museus e seus profissionais, ocasionou sucessivos eventos internacionais que abordaram temáticas nesse âmbito, a saber: o Primeiro Seminário Internacional da Unesco, sobre a Função Educativa dos Museus, realizado em 1952 em Nova Iorque; o Segundo Seminário Internacional da Unesco, em Atenas em 1954⁵ ainda sobre a função educativa dos Museus; e o foco desta pesquisa, o 1º Congresso Nacional de Museus em 1956, em Ouro Preto.

O objetivo deste último encontro, então, era a promoção do debate acerca de temas centrais referentes aos museus e seus profissionais. Heloísa Alberto Torres no prefácio do livro *Museu e Educação* de Florisvaldo dos Santos Trigueiros (1958), considerou que "foi nesse certame que, em meio a debates cerrados e discussões fortes selou-se o início da cooperação sistematizada entre os educadores oficiais e os técnicos e museu" (TRIGUEIROS, 1958, p.11).

Com a recorrência de reuniões para se definir a organização do Congresso, bem como a ordenação das Comissões Técnicas e Executivas, estabeleceram-se novas datas para o encontro e as eventuais normativas a serem seguidas na apresentação de trabalhos (teses,

⁵ Para mais informações, ver Rosiane da Silva Nunes, 2011.

relatórios, memórias, notícias e afins). O Congresso foi presidido inicialmente por Rodrigo Melo Franco de Andrade, que apresentou complicações em sua saúde, e foi substituído por Heloísa Alberto Torres, que deu continuidade às atividades de organização do seminário. Nesse momento, o corpo técnico do Organização Nacional do Icom (Onicom) era composto por Heloísa Alberto Torres enquanto presidente, Oswaldo Teixeira e Gustavo Barroso enquanto vice-presidentes e os membros, Lourival Gomes Machado, Américo Lacombe, Francisco Matarazzo Sobrinho, Maurício Nabuco, Dante de Laytano, José Maria de Albuquerque, Regina Monteiro Real, Yolanda Portugal, Lygia Martins Costa e Sérgio Buarque de Holanda. Ao que se pode inferir sobre a análise realizada nos jornais, os membros do Onicom juntamente com os profissionais Luís de Castro Farias, Renato Soeiro e Wolfgang Pfeiffer, representaram a Comissão Organizadora do Primeiro Congresso Nacional de Museus.

A essa delegação cabia a responsabilidade de organizar as atividades do evento e escolher os membros da Comissão Executiva, que deveriam dirigir o seminário até o seu encerramento, bem como a definição e escolha das Comissões Técnicas, que estavam incumbidas de estudar os trabalhos enviados pelos congressistas. Para tal, se dividiram em temáticas⁶.

O Primeiro Congresso Nacional de Museus teve início às 14 horas do dia 23 de julho de 1956, na cidade de Ouro Preto, na Escola de Minas e Metalúrgica (antiga residência dos governadores). Segundo as matérias e o relato de Florisvaldo dos Santos Trigueiros (1958), participaram do Congresso cerca de 140 congressistas, vindo dos mais diversos estados. Segundo Trigueiros os participantes vieram desde o "Amapá até o Rio Grande do Sul" (TRIGUEIROS, 1958, p. 91).

No mesmo dia, no salão nobre da Escola de Minas e Metalúrgica, foram escolhidos os presidentes e vice-presidentes de honra do Congresso, sendo estes, então, Francisco José Bias Fortes; o ministro da Educação, Abgar Renault, Celso Melo de Azevedo, Amadeu Barbosa, Salathiel Tôrres, Rodrigo Melo Franco de Andrade e Heloísa Alberto Torres.

A Comissão Executiva foi constituída por Aderbal Jurema, secretário da Educação de Pernambuco, na condição de presidente da Comissão; Lourival Gomes Machado; e,

⁶ Segundo as informações retiradas dos jornais presentes do Capítulo Dois deste trabalho, a Comissão Executiva, era composta por um Presidente, Secretários e Tesoureiro. Já as Comissões Técnicas, foram compostas por membros escolhidos pela Comissão Organizadora. Cada Comissão Técnica teve um Coordenador designado pelo presidente da Comissão Organizadora. Definidas as Comissões Técnicas e suas delegações, cada participante da mesa deveria votar em um presidente e um secretário. Ao que tange as mesas, foram divididas por tipologias, nesse caso, Comissão de Ciência, de Artes, de História, Arte Sacra etc.

Florivaldo dos Santos Trigueiros. Cinco das Comissões Técnicas funcionaram na Escola de Minas e uma na Escola de Farmácia. As mesas de comissários técnicos foram compostas da seguinte maneira: Antropologia - presidida por Luiz de Castro Faria; Arquitetura - presidida por Paulo Thedim Barreto; Arte - presidida por Mário Barata; Ciências - presidida por José Cândido Melo Carvalho; Educação e Generalidades - presidida por Juracy Silveira; e, História - presidida por Antônio Joaquim de Almeida. Compareceram entre essas delegações, também, os técnicos Geraldo Britto Raposo (representando a delegação do Museu Imperial e membro da Comissão de Educação), Geraldo Alves de Carvalho⁷, José Valadares, José Maria de Albuquerque, W. Pfeiffer, Darcy Ribeiro, Lourival Gomes Machado, Orlandino Seitas, Airton de Carvalho, Silvio de Vasconcelos, Paulo Vanzolini, entre outros técnicos da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Dphan), conservadores e naturalistas.

Entre os convidados especiais, o Conservador do Vaticano, Dioclécio Redig de Campos, os educadores, Professora Juracy Silveira e Professor Guy de Hollanda, ambos funcionários do Ministério da Educação e Cultura (MEC). F. dos Santos (1958) constata que os Serviços Administrativos do Congresso, contaram com uma equipe organizada no Rio de Janeiro, com o apoio das secretárias Ayla Martins, Célia de Almeida Seabra e Célia Terezinha de Oliveira, juntamente com um grupo de taquígrafos e outros auxiliares contratados.

Nos relatos de F. Santos Trigueiros (1958), foi possível esclarecer que, além da visita e estadia na cidade de Ouro Preto, foram proporcionadas aos congressistas visitas às cidades mineiras de Mariana, e Sabará e também a algumas igrejas, edifícios antigos e ao Museu da Inconfidência.

Ao que tange a apresentação dos trabalhos, F. dos Santos Trigueiros diz que foram apresentados setenta e dois trabalhos e Regina Real indica que foram oitenta. Entretanto, o que sabemos, é que foram apresentados os trabalhos aprovados pelas Comissões Técnicas: Carlos José Pereira da Costa e José Mário Alves da Silva com o trabalho *Guia Comentado dos Museus Brasileiros*⁸; Wolfgang Pfeiffer com *Museu e Educação Visual*; Lourival Gomes Machado com a tese *O Filme sobre Arte nos Museus*; e, Paulo César Vincent da Fonseca com *Plano para a Formação de um Arquivo Central de Documentação Iconográfica Nacional* - aprovados pela Comissão Técnica de Arte, e aprovado pela Comissão Técnica Ciência na

⁷ Sobre Geraldo Britto Raposo Câmara e Geraldo Alves de Carvalho, ver Curriculum Vitae em < <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=mhn&pagfis=15669> > Acessado 20 de setembro de 2018.

⁸ Levantou-se a suspeita que talvez Florivaldo dos Santos Trigueiro tenha apresentado seu livro, intitulado como *Museus e sua importância na Educação do povo* do qual originou a obra *Museus e Educação*, tão famoso e discutido no seminário de 1958 e fonte documental neste trabalho.

sessão plenária do dia 27 de julho de 1956, a proposta de Nélson Lins de Barros, Agostinho Lage Ornelas de Sousa e Henrique Batista da Silva Oliveira, representantes do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas para o fomento cultural do Museu de Ciências do Centro de Pesquisas Físicas do Rio de Janeiro. Sobre os trabalhos, Regina Monteiro Real comenta

Perto de oitenta trabalhos, entre teses, noções, propostas, foram discutidos nas seções de Arquitetura, Arte, Ciência, História e Generalidade (Educação e Museologia) e, em sessões plenárias lidos os pareceres. Os resultados desses esforços coletivos, certamente, virão beneficiar a museologia nacional e contribuir para que os museus cumpram a sua finalidade estética, científica e educativa. (REAL, 1958, p. 9)

De fato, não se sabe o quantitativo exato dos trabalhos apresentados. Durante a análise documental e diante dos relatos de alguns participantes, foi possível descobrir que os trabalhos mencionados nas reportagens do Diário de Notícias, tiveram, de certa forma, um destaque dentro do Congresso. Todos os trabalhos foram devidamente avaliados pelas Comissões Técnicas. Seguindo os critérios de realização dos trabalhos (como originalidade, veracidade, relevância etc.) a Comissão Técnica estaria apta a julgar e avaliar os trabalhos recebidos e levá-los à sessão de plenário para leitura dos pareceres e aprovação desses. Alguns trabalhos foram indicados para o uso prático de algumas instituições ou para publicação nos Anais do Congresso⁹. Isso nos revela que nem todos os trabalhos foram publicados, assim como nem todos foram divulgados¹⁰.

Como o objetivo deste encontro era, na verdade, conhecer as problemáticas envolvendo os museus brasileiros, mas, também, buscar soluções e aperfeiçoamentos (seja nos espaços, nas técnicas, na documentação), faz sentido examinar os dados levantados pelas reportagens.

Após consultas à base de dados do Museu Histórico Nacional (MHN), novas informações foram reveladas. Houve, no Congresso, apresentações de outros profissionais, como o conservador do MHN, Clóvis Bornay, com a apresentação da tese *O Museu fala a infância*, em que tratou das visitas guiadas; Dulce Ludolf, com o trabalho *Novas Diretriz dos*

⁹ Não se sabe, até o presente momento, onde se encontram esses documentos.

¹⁰ Há a informação de que Berta Ribeiro teria apresentado o trabalho "Modelo de fichas catalográficas para registro de coleções". Esse dado foi retirado do *site* da Fundação Darcy Ribeiro < <http://www.fundar.org.br/controller.php?pagina=29>> Acessado em 10 de setembro de 2018.

Fomos buscar a veracidade desse dado no Beijódromo, na Universidade de Brasília, onde se encontram todas as documentações de Darcy Ribeiro e Berta Ribeiro, contudo, até o presente momento, não se teve a confirmação da equipe responsável pelo acervo.

Museus, aprovado pela Comissão Julgadora; e a palestra apresentada por Regina Real, intitulada *A Importância da Museologia: Os Museus Regionais*¹¹.

A perspectiva que o Congresso Nacional de Museus gerou em alguns museus foi maior do que o esperado¹². Foram discutidas medidas sobre a necessidade de exigir o diploma para inscrição em concurso público para Conservador de Museu para garantir a melhoria de salários e melhor classificação da profissão. Desta forma, a resolução foi que o curso deveria ser de nível superior, mas para tal, deveriam apresentar monografias. Os conservadores de museus de arte e história presentes no Congresso manifestaram pela adequação da categoria de conservador. Ao que tange a temática discutida sobre as visitas guiadas, foram estabelecidas medidas atinentes ao funcionamento de um sistema de visitas guiadas. Neste sentido, caberia à Comissão do Congresso designar uma comissão temporária de técnicos de museu e educação, filiados ao Onicom, que apresentassem um plano de curso de monitores de visitas guiadas e, se aprovado, encaminhar às devidas autoridades federais, estaduais, municipais e a diretores de museus. Outras pautas foram discutidas, como o objetivo dos Museus de Ciência, representado pela Comissão de Ciência com membros de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Diante da entrevista de Lygia M. Costa e Yolanda Portugal no Diário de Notícias e durante a análise documental nos periódicos, foi possível elucidar que o Primeiro Congresso Nacional de Museus representou uma oportunidade de convivência e troca entre profissionais

¹¹ Para mais informações, consultar "Relatórios, Curso de Museus e Acervo Gustavo Barroso\Curso de Museus\Curriculum Vitae - Professores 1969, 71, 76". Disponível online em <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=mhn&pagfis=15669>>. Acessado em 20 de setembro de 2018.

¹² A partir do parecer do relator Édson Mota sobre o trabalho apresentado por Paulo César Vincent da Fonseca, a Comissão de Arte aprova e estipula de acordo com o plano apresentado por ele, "a organização de um Arquivo Central, agrupando uma completa documentação fotográfica sobre as obras de arte e de história do país, apresenta-se como a solução necessária para ampliar a documentação organizada e sistemática do nosso patrimônio histórico e artístico" (Diário de Notícias, 12 de agosto de 1956, Suplemento literário, p. 5). Isso nos diz que foram discutidos no encontro, o desenvolvimento do Arquivo Fotográfico do DPHAN, visando torná-lo uma Iconoteca Nacional autônoma, e assim, a Comissão de Museus propôs essa indicação. Participou deste estudo também o convidado especial Dioclécio Redig, que opina a favor desta medida.

Outro caso, também indicado pela Comissão de Arte, foi a tese de W. Pfeiffer, cuja publicação nos Anais do Primeiro Congresso Nacional de Museus foi indicada. Ou, a indicação do Professor Paulo Antonio Peretti Evin, que comenta sobre a tese apresentada por Lourival Gomes. A Comissão de Arte apresenta a sessão plenária que transforma a tese em uma iniciativa para melhor divulgação dos filmes sobre artes, para que se façam legendas nas falas estrangeiras. Dessa forma, os filmes circulariam de maneira mais acessível às instituições que não contassem com um tradutor.

No caso da tese apresentada por Néelson Lins de Barros, Agostinho Lage Ornelas de Sousa e Henrique Batista da Silva Oliveira, caberia ao Congresso pedir ao Prefeito do Rio de Janeiro as verbas prometidas ao Museu.

de diversos estados brasileiros, não somente para os técnicos de museu, mas para outros profissionais, como arquitetos, por exemplo. Já mencionado no meu Trabalho de Conclusão de Curso, a presença de alguns arquitetos no Congresso, o trecho retirado dos Anais do MHN, sustenta essa afirmação na fala de Lygia Martins Costa

[...] Nessa época, afirmou, surgiu o Tratado de Museologia que ampliava o até então restrito entendimento do acervo. Assim, acredita que apenas a partir do 1º Congresso Nacional de Museus, realizado em 1955, os arquitetos começaram a trabalhar junto com museólogos" (Anais do Museu Histórico Nacional - Volume 34 de 2002. p. 44)¹³

Foi possível perceber também, durante a análise, que houve uma interação entre os profissionais e, mais ainda, que hoje comumente falemos da museologia enquanto área interdisciplinar, e que o Congresso proporcionou tal interdisciplinaridade. O registro retirado da publicação *O Museu Ideal* de Regina Monteiro Real (1958) demonstra exatamente a interação entre as mais diferentes formações profissionais que tiveram contato no Primeiro Congresso. Vale a constatação de que houve participantes de vários estados brasileiros. Mais de cem congressistas (diretores, conservadores, naturalistas, arquitetos, educadores, pesquisadores etc.) vindos, inclusive, de Estados e Territórios longínquos, num entusiasmo louvável de intenções de aprender, corrigir e acertar, reuniram-se, de 23 a 29 de julho de 1956, em Ouro Preto (REAL, 1958, p. 9)¹⁴

As informações demonstram que o Congresso aglutinou técnicos de museus de história, de artes e de ciências naturais, educadores, naturalistas e antropólogos. Esses museus foram representados por diversas pessoas que estiveram presentes em Ouro Preto para a ocasião. Segundo a autora Adelia Ribeiro (2015), o Congresso foi "o primeiro encontro brasileiro a congregar centenas de museólogos de todo o território nacional" (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2015, p. 117)¹⁵.

Diante de tantos temas e tantas novidades, é possível que não se tenha uma constatação exata sobre o que tratou o Primeiro Congresso Nacional de Museus. Suspeita-

¹³ Texto na íntegra: (Anais do Museu Histórico Nacional - Volume 34 de 2002. p. 44). Disponível em <<http://www.docpro.com.br/mhn/bibliotecadigital.html>>. Acessado em 20 de setembro de 2018.

¹⁴ O livro também se encontra disponível online em:

<[Http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MHN&pasta=&pesq=O%20Museu%20Ideal](http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MHN&pasta=&pesq=O%20Museu%20Ideal)>. Acessado em 20 de setembro de 2018.

¹⁵ Entre os demais participantes do Congresso, estiveram presentes 14 técnicos do Museu Nacional, sendo o museu brasileiro que mais teve representantes no evento. Segundo José Cândido de Melo Carvalho, diretor do MN, naquele momento, o museu ofereceu total apoio para o Icom e para a realização do Primeiro Congresso. Entretanto, o mesmo não pode ser dito para os representantes dos museus de Arte Moderna do Rio de Janeiro e o Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Para mais informações, ver Relatório Anual do ano de 1956 do MN. Disponível em <[http://flanelografo.com.br/impermanencia/biblioteca/RAMN%20\(1956\).pdf](http://flanelografo.com.br/impermanencia/biblioteca/RAMN%20(1956).pdf)>. Acessado em 20 de setembro de 2018.

se que o tema mais estudado durante as apresentações de trabalhos e discussões, tenha sido aquele relacionado a museus e educação. E, dessa forma, teria impulsionado a realização de um segundo encontro, o seminário comumente conhecido como *A Função Educativa dos Museus*, no Rio de Janeiro, em 1958¹⁶.

Consideramos então que cada um desses acontecimentos corporifica a organização dos museus por meio das relações propostas entre diferentes agentes e suas instituições. Esse ponto de vista supõe que esses atores sociais tiveram papel determinante para a internacionalização dos museus brasileiros e da difusão da museologia enquanto área do saber.

Esse intercâmbio de informações, a nível nacional, tornou possível uma conformidade de esforços para a realização do Primeiro Congresso Nacional de Museus, que propiciou um olhar diferenciado para as demais instituições da capital federal e de outros estados brasileiros.

Muitas questões ainda não foram reveladas, mas fica a necessidade de se investigar ainda mais sobre este congresso e tantos outros não estudados. Entretanto, alguns nomes foram mencionados com mais frequência durante as informações retiradas dos periódicos e dos demais documentos. Pode-se perceber uma forte menção a algumas mulheres, como Heloísa Alberto Torres, Lygia Martins Costa e Regina Real.

No caso de Heloísa Alberto Torres, sua imagem é fortemente associada a seu desempenho enquanto diretora do Museu Nacional, embora pouca menção seja feita sobre seu trabalho no museu ou sua atuação no campo científico da Museologia.

Heloísa Alberto Torres iniciou suas atividades no MN aos 22 anos. Ingressou como estagiária, no momento em que optou por estudar Antropologia. Para tal, procurou o professor Edgard Roquette-Pinto, e iniciou seus estudos. Segundo Miglievich-Ribeiro (2015), "os laços entre o mestre e a discípula dez anos mais nova, foram se estreitando ao ponto de ela se tornar praticamente sua *mão direita* no dia a dia do Museu Nacional" (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2015, p. 48).

Heloísa dedicou anos de sua vida a esse museu. Roquette-Pinto, por sua vez, teve influência determinante para a formação intelectual da aluna, cujo entendimento, culminou na

¹⁶ Inicialmente, a suspeita de que o Primeiro Congresso Nacional de Museus teria influenciado um segundo congresso, partiu da própria autora. Porém, recorrendo a arquivos do Iphan que se encontram no Rio de Janeiro, foi possível confirmar de acordo com a Ata de criação do Congresso, precisamente no regimento IX, Art.18 - Disposições Gerais, a informação que o Primeiro Congresso de Museus seria responsável por fixar em sua última sessão plenária, o local da realização do próximo congresso.

devoção pela causa indígena e na dedicação quase que exclusiva ao Museu Nacional e à preservação da cultura.

Ainda segundo Adelia Miglievich-Ribeiro (2015) à medida em que Roquette-Pinto se afasta do museu para dedicar-se a assuntos ligados à educação no Brasil, cada vez mais Heloísa A. Torres se envolve com as atividades institucionais, substituindo o professor muitas vezes.

No ano de 1926, Heloísa iniciou suas viagens de campo. Viajou para São Paulo para estudar e verificar o estado dos sambaquis de Iguape; em 1927, continua sua expedição em Vespasiano, Minas Gerais, para examinar sítios arqueológicos. Dedicou-se principalmente aos estudos da Cerâmica Marajoara, cujos resultados foram apresentados e publicados em 1929. Participou do Conselho de Fiscalização criado em 1930. No ano seguinte, em 1931, assumiu a cadeira de professor-chefe da Seção de Antropologia e Etnografia do MN. Neste cargo, passou a fomentar e ministrar cursos de extensão universitária. De 1935 a 1937, exerceu função de vice-diretora de Alberto Betim Paes Leme. Por decisão da congregação, foi eleita mais uma vez, de forma unânime, para dar continuidade ao cargo na direção. Em 1938, foi eleita diretora do museu, permanecendo até 1955.

Em 1953, Heloísa Alberto Torres saiu a campo para pesquisar as instituições museais no Brasil. Dessa pesquisa, originou-se a publicação *Museums of Brazil*. Foi presidente do Onicom, também por indicação de Rodrigo Melo Franco de Andrade, e posteriormente, do Icom. Anos depois, participou da formação de técnicos em museus. Destaco o ano de 1968, quando então diretor do MHN, Léo Fonseca e Silva, lhe envia o anteprojeto para a regulamentação da profissão de museólogo.

Antes sequer de existir o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan), havia outras instituições que, por meio de seus diretores, cuidaram de questões relacionadas à salvaguarda do patrimônio. Uma delas era dona Heloísa Alberto Torres, frente à direção do Museu Nacional, e Gustavo Barroso, no Museu Histórico Nacional. O Museu Nacional estava envolvido na proteção e conservação do patrimônio arqueológico e etnográfico, já o MHN, na Inspeção de Monumentos Nacionais.

Com a criação do Sphan, os mencionados agentes participam do Conselho Consultivo, ao lado de Rodrigo Melo Franco de Andrade. Nesse sentido, Heloísa Alberto Torres, mesmo no MN, contribuiu para as atividades do Sphan e Rodrigo Melo Franco de Andrade, por sua vez, já estabelecia relações com Gustavo Barroso, no MHN, justamente pelos estudos iniciados por ele para proteção do Patrimônio. Rodrigo Melo Franco de Andrade, Heloísa

Alberto Torres, e Oswaldo Teixeira participam do Conselho Consultivo do Iphan desde o ano de 1938¹⁷.

Estudos demonstram que, em 1940, foi efetivado um acordo entre o Sphan e o Museu Nacional, assinado por Rodrigo M. Franco e Heloísa A. Torres, ambos diretores dessas instituições. A partir dessa cooperação, outras alianças vão sendo firmadas entre eles. Como percebido durante a análise das reportagens, Rodrigo Melo Franco de Andrade, com problemas de saúde, se vê impedido de continuar a organização do Congresso Nacional de Museus em Ouro Preto. Dessa forma, não somente o cargo de presidente do Congresso passa para Heloísa Alberto Torres, como também, a presidência do Onicom.

Rodrigo Melo Franco permaneceu no Sphan então até 1967. Adelia Miglievich-Ribeiro destaca que não se sabe até que ponto a saída de Franco impactou seu distanciamento da Instituição. A partir de uma entrevista concedida por Heloísa Alberto Torres em 1957, a autora comenta que

Heloísa justificava suas atividades pela lealdade a dois homens. Cândido Rondon e Rodrigo Melo Franco. Aquela, que assumira, ao longo da vida, o compromisso com a modernização e a regulamentação da esfera cultural e de sua relação com o Estado – que implica a seleção de funcionários e técnicos, para o exercício de organização e de preservação da cultura brasileira, com base em critérios objetivos, prescritos por estatutos e leis – fala da não remuneração pecuniária de seu próprio trabalho e revela sua motivação pautada nos sentimentos pessoais, de fidelidade àqueles que a antecederam, tanto na criação do SPHAN, como constituição do CNPI (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2015, p. 118).

Para a autora, o fim da dita "fase heroica" da instituição é marcada pela aposentadoria de Rodrigo M. Franco de Andrade e pelo afastamento de Heloísa Alberto Torres. Entretanto, não se pode inferir sobre a relação desses agentes sem uma historiografia consolidada. Alguns questionamentos permanecem sem respostas, principalmente ao que tange a relação pessoal/profissional entre eles. Aos 70 anos, Heloísa A. Torres partiu para sua cidade de origem, Itaboraí-RJ, com sua irmã, onde residiu até falecer. Assídua e dedicada a questões ligadas à antropologia, ao patrimônio do Brasil e aos museus, Heloísa Alberto Torres marcou a trajetória da museologia brasileira.

Lygia Martins Costa também merece destaque nessa pesquisa, uma vez que contribuiu tanto para a Museologia e para os museus, como para a História da Arte e,

¹⁷ Para mais informações, ver Ata Extraordinária do Conselho Consultivo do Iphan: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/atas/1938__01__1a_sesso_extraordinria__17_de_mai\(4\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/atas/1938__01__1a_sesso_extraordinria__17_de_mai(4).pdf)>. Acessada em 20 de setembro de 2018.

principalmente, para o Patrimônio. Primeira conservadora a trabalhar no Sphan, influenciou o fortalecimento da profissionalização na área do Patrimônio.

Entretanto, os estudos de Ivan de Sá (2015) revelam que inicialmente, Lygia M. Costa não cogitava trabalhar em museus:

Concluindo o ensino secundário, por volta de 1933, Lygia pensa em ser engenheira, como o pai e o avô materno, uma escolha avançada para uma adolescente de sua época. Entretanto, apesar de estimular a paixão de Lygia pelos estudos seu pai não concorda, pois não considerava a Engenharia uma profissão adequada a uma moça. Lygia fica em casa por cinco anos, lendo e estudando avidamente, mas sem saber que carreira seguir (SÁ, 2015, p. 133)

Seu encontro com a Museologia se deu em 1938, quando uma tia paterna viu anunciado em um jornal a abertura de matrículas para o Curso de Museus do Museu Histórico Nacional. Lygia M. Costa prontamente quis ingressar no curso, mas precisava da autorização do pai. Segundo Ivan de Sá (2015), o patriarca não aprovava a intenção da filha em iniciar o curso e pediu ao filho para visitar o museu e trazer novas informações. Boas notícias para a jovem e futura museóloga: "pode deixar, papai. Só tem mulher!" (*apud* SÁ, 2015, p. 133; SÁ; VILLAGRÁN, 2014).

Em 1952, Lygia M. Costa é convidada por Rodrigo M. F. de Andrade para trabalhar no Iphan, sendo, então, a primeira museóloga a trabalhar na instituição. Foi museóloga no Iphan durante os anos de 1952 a 1996. No ano de 1956, participou como delegada e vice-presidente na Conferência Internacional de Museus organizada pelo Icom na Suíça. No mesmo ano, "Mário Barata, colega do Museu Nacional de Belas Artes (MNBA) e do Iphan, a convida para ser professora assistente de História da Arte, na Escola Nacional de Belas Artes" (SÁ, 2015, p. 143).

No estudo de Ivan de Sá destinado às memórias da museóloga, Lygia Martins Costa relembra que a escolha do diretor do MNBA para a presidência do Icom-Br foi, na verdade, uma estratégia sua e de Regina Real para promover a instituição. Nesse intuito, elas foram as primeiras a responder com prontidão a correspondência enviada por J. Hamlin, requisitando a participação do Brasil no Icom. Assim Ivan de Sá constata

Entusiasmada com as possibilidades de intercâmbio com museus, pesquisas e profissionais do exterior, Lygia interessa-se vivamente em criar uma representação do Icom no Brasil. Graças a seu entusiasmo o Museu Nacional de Belas Artes foi o primeiro a responder ao chamado do Icom. Juntamente com Regina Real, D. Lygia preenche os formulários e encaminha a documentação. Com isto, ficou criada, no Brasil, a Onicom, Organização Nacional do ICOM. Como primeiro presidente, o diretor do MNBA, Oswaldo Teixeira, medida estratégica imaginada por Lygia e Regina para dar mais visibilidade à organização, ao passo que as duas se mantiveram como secretárias (SÁ, 2015, p. 139).

A aproximação de Regina Real e Lygia M. Costa se deu, principalmente, no momento em que ambas passaram a trabalhar no MNBA como conservadoras. As colegas de trabalho tiveram a mesma formação no Curso de Museus de Gustavo Barroso, no MHN. Regina Real concluiu o Curso de Museus em 1937, um ano antes da colega Lygia M. Costa¹⁸.

No mesmo ano de sua formatura, Regina Real iniciou também sua carreira no MNBA. Henrique Cruz (2010) comenta que a forma como a conservadora consegue o trabalho nesse museu é bastante curiosa, "ela enviou uma carta ao ministro de Educação e Saúde, Gustavo Capanema, solicitando sua nomeação como Conservadora de Museus. Essa correspondência consta do arquivo de Gustavo Capanema, na Fundação Getúlio Vargas" (CRUZ, 2010, p. 96). Dessa forma, foi nomeada como uma das primeiras conservadoras de museu com formação especializada.

Assim como Lygia Martins Costa, Regina M. Real realizou o primeiro concurso público para Conservador, promovido pelo Departamento de Administração do Serviço Público (Dasp). Tornou-se diretora da instituição anos depois, em 1952, permanecendo apenas um ano no cargo. Cruz (2010) justifica não saber que motivos levaram Regina Real a deixar o MNBA. Contudo, em 1955, começou a trabalhar na Casa de Rui Barbosa, configurando o quadro de funcionários efetivos meses depois, solicitação essa feita pelo diretor da instituição, Américo Jacobina Lacombe.

Anos após a implementação do ONICOM, liderado por Regina Real e Lygia Martins Costa, passou a emergir no país um movimento de integração de profissionais de museus buscando um representante nacional que pudesse tratar de forma mais centralizada os debates envolvendo a regulamentação da profissão (SÁ, 2015). Lygia M. Costa esteve entre os fundadores da Associação Brasileira de Museologistas (AMB); ativista, lutou para conseguir a regulamentação da profissão.

Assim pode-se entender que a emancipação feminina durante os primeiros anos da museologia simbolicamente pode representar uma série de conquistas, como a inserção da mulher no mercado de trabalho. Segundo o professor Ivan de Sá "a área dos museus passa a representar um espaço considerado relativamente adequado para a atuação feminina,

¹⁸ Para mais informações, ver CRUZ, Henrique de Vasconcelos. *Cuidando de uma casa: Regina Monteiro Real na Casa de Rui Barbosa*. In: I Encontro Luso-Brasileiro de Museus Casa, 2010, Rio de Janeiro - RJ. I Encontro Luso-Brasileiro de Museus Casas. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2010. p. 95-103. Disponível online em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/anais/FCRB_Anais_I_Encontro_Luso_-_Brasileiro_de_Museus_Casas.pdf>. Acessado em 28 de maio de 2018.

mesmo porque os salários não eram altos, o que tornava a área menos competitiva, pelo menos em relação à procura masculina” (SÁ, 2015, p. 136).

O entendimento da trajetória individual dessas mulheres foi fruto de uma combinação de acontecimentos que envolvem tanto o círculo social aos quais pertenciam como suas relações pessoais construídas no ambiente acadêmico e profissional. Trajetórias essas que se confluem a partir de interesses em comum: a preservação da cultura brasileira.

Tais mulheres, personagens do mundo cultural e científico, se dedicaram integralmente a seus ofícios e mantiveram relações profissionais consistentes, sobretudo no Museu Nacional, no Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), no Museu Histórico Nacional, no Museu de Belas Artes e no Comitê Internacional de Museus (Icom). Foram dialogando entre e por meio de instituições, e nos mostrando possibilidades de pesquisas que possam refutar o preposto de uma história única e centralizada.

Desta forma, portanto, compreender essas histórias significa percorrer o percurso da constituição da Museologia no Brasil. Essas museólogas, ou conservadoras - como intituladas na época em questão -, revelam um papel fundamental para a administração dos museus em termos de administração, documentação, aquisição, exposições, pesquisa e conservação. É refletindo sobre a atuação e “insistência” de pessoas que dificilmente são mencionadas em estudos do campo, agindo, interagindo, disputando, pesquisando ou cooperando em situações institucionais, que destino meu estudo a contribuir para uma maior visibilidade e reconhecimento dessas atuações dentro dessa narrativa, principalmente com o Primeiro Congresso Nacional de Museus, evento que possibilitou, de forma inédita, uma interação maior e mais efetiva entre os profissionais de museus.

REFERÊNCIAS

CELLARD, A. **A análise documental**. In: POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ, 2008.

CRUZ, Henrique de Vasconcelos. **Cuidando de uma casa: Regina Monteiro Real na Casa de Rui Barbosa**. In: I Encontro Luso-Brasileiro de Museus Casas. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2010. p. 95-103.

_____. **Era uma vez, há 60 anos...: O Brasil e a criação do Conselho Internacional de Museus**, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. **Heloísa Alberto Torres e Marina de Vasconcellos: pioneiras na formação das ciências sociais no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 2015.

NUNES, Rosiane. **UNESCO: Patrimônio Cultural Imaterial e Sociomuseologia**. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa, 2011.

REAL, Regina. **O Museu Ideal**. Belo Horizonte. Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais/ Centro Regional de Pesquisas Educacionais, 67 p, 1958. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MHN&pasta=&pesq=O%20Museu%20Ideal>>. Acesso em 20 de set. 2018

REYS, Nathalia. **Descobrimo Trajetórias: análises, aspectos e idealizadores do 1º Congresso Nacional de Museus de 1956 em Ouro Preto**. Universidade de Brasília, Faculdade de Ciências da Informação. Brasília, 2018.

SÁ, Ivan, Coelho de. **Lygia Martins Costa: narrativa sobre suas contribuições à Museologia e ao Patrimônio**. Revista Museologia & Interdisciplinaridade, p. 129-146, 2015.

TRIGUEIROS, F. Santos. **Museu e Educação**. Rio de Janeiro: Ed. Pongetti, 1958.

SITES

ANAIS DO MHN - MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. Disponível em: <<http://www.museuhistoriconacional.com.br/mh-anais.htm>>. Acesso em 10 de set. 2018.

ATA EXTRAORDINÁRIA DO CONSELHO CONSULTIVO DO IPHAN. Disponível em <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/atas/1938__01__1a_sesso_extraordinria__17_de_mai\(4\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/atas/1938__01__1a_sesso_extraordinria__17_de_mai(4).pdf)>. Acesso em 20 de set. 2018.

BIOBIBLIOGRAFIA BERTA RIBEIRO. Disponível em: <<http://www.fundar.org.br/controller.php?pagina=29>>. Acesso em 10 de set. 2018.

PERIÓDICOS BIBLIOTECA NACIONAL. Disponível em <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em 12 de jun. 2018.

RELATÓRIOS, CURSO DE MUSEU E ACERVO GUSTAVO BARROSO/CURSO DE MUSEUS/CURRICULUM VITAE- PROFESSORES 1969, 71, 76. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=mhn&pagfis=15669>>. Acesso em 20 de set. 2018.

DOCUMENTOS

BRASIL, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, **ATA PRIMEIRO CONGRESSO DE MUSEUS, 1956**, Rio de Janeiro. Acessado em 01 de ago. 2018.